

## AS VARIAÇÕES DO VOCALISMO TÔNICO LATINO

Cinthya Sousa Machado (UFRJ)  
[scinthya@gmail.com](mailto:scinthya@gmail.com)

### 1. *Introdução*

Este trabalho apresenta um estudo sobre as divergências entre as vogais tônicas nas duas variedades linguísticas do latim: a língua dos literatos, o latim clássico, e a língua falada pelo povo, o latim vulgar. O estudo foi delimitado às vogais tônicas, porque, como estas têm maior resistência às modificações, suas causas são mais regulares.

O principal objetivo é o entendimento das causas das variações na língua vulgar, uma vez que é deste latim que se desenvolveram as línguas românicas e a partir dela pode-se também entender as variações tônicas no vocalismo no português.

Primeiro, foram elucidados os traços distintivos do latim clássico; depois, foi feita uma descrição fonética das vogais tônicas no latim clássico e uma comparação com as formas no latim vulgar, baseadas nas poucas fontes que foram deixadas, como o *Appendix Probi*, lista de erros das formas populares comparadas com a forma erudita. Por fim, explicaram-se as causas pelas quais as vogais tônicas modificaram-se na língua popular.

### 2. *A quantidade*

O latim clássico possuía cinco qualidades vocálicas: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*<sup>11</sup>. Todos esses timbres podiam ser pronunciados em duas quantidades de duração de tempo distintas: podiam ser longas, representadas pela mácron (ˉ) ou breves, representadas pela bráquia (˘), símbolos usados didaticamente na escrita moderna. Constituíam-

---

<sup>11</sup> A vogal *y* era de origem grega, foi usada apenas nos vocábulos gregos absorvidos pelo latim, que foram introduzidos no período clássico.

se, assim, um sistema vocálico com dez fonemas, essencialmente latinos: *ī, ĭ, ē, ě, ā, ă, ō, ō, ū, ū*.

A quantidade, que foi herdada do indo-europeu, possuía em latim clássico um caráter fonológico, isto é, era um traço distintivo. Essa oposição quantitativa era percebida por qualquer falante da língua, tanto que Cícero testemunha a vaia da plateia, em um teatro, quando algum erro de quantidade é cometido: “*In uersu quidem theatra tota exclamant, si fit una syllaba aut breuior, aut longior*”<sup>12</sup> (FARIA *apud* ORAT. 51, 1957, p. 66). Dessa forma, podia-se diferenciar, por exemplo:

- *Vēnus* (Vênus) de *Vēnus* (venda);
- *hīc* (aqui) de *hīc* (este);
- *lēgit* (lê) de *lēgit* (leu);
- *lūto* (cumprir seus deveres) de *lūto* (sujar);
- *mālus* (macieira) de *mālus* (mau).

Na língua antiga que antecede o clássico, essa quantidade era representada por uma vogal dupla como nos consta em “*Accius geminatis uocalis scribi natura longas syllabas uoluit*”<sup>13</sup> (FARIA, 1957, p. 117). Grafava-se *paastores* pra representar a longa quantidade da vogal *a*. Por causas dessas palavras homônimas, que não podiam ser diferenciadas em suas quantidades na grafia, foi criado um sinal – chamado ápex – para ser sobreposto às vogais longas, não podendo ser usado às outras palavras.

A sílaba tônica de palavras com três sílabas ou mais era definida pela quantidade da penúltima sílaba; se esta fosse longa, o vocábulo era paroxítono, por exemplo, *delēre*; se fosse breve, o vocábulo era proparoxítono, por exemplo, *legēre*. As palavras dissílabas eram sempre paroxítonas, independentes da quantidade, uma vez que não existiam oxítonas.

---

<sup>12</sup> “A plateia inteira protesta se se altera a quantidade silábica na recitação de um verso”

<sup>13</sup> “Ácio quis se escrevessem as sílabas longas por natureza com vogais geminadas”.

### 2.1. As vogais em posição acentuada no latim clássico

A diferença de timbre do *ĩ* e *ī* é quase imperceptível, segundo Consêncio: “*I littera/ medium quidam sonum inter e et i habet, ubi in medio sermone est, ut hominem. Mihi tamen uidetur, quando producta est, uel acutior uel plenior esse, quando breuis est, medium sonum exhibere*”<sup>14</sup> (FARIA *apud* CONS. KEIL, 1957, p. 69). O que difere os dois *i* é que, quando breve, há um som médio entre *i* e *e*, ou seja, apresenta um som médio como em *hōmīnem* [I], e ao ser longo soa mais agudo como em *amīcus* [i].

O *ĩ* e o *ī* eram pronunciados com o formato dos lábios não arredondados, com a altura da língua alta, com a área de articulação realizada no pré-dorso, ou seja, anterior e com um grau de abertura da boca 5 para o *ī* e um 6 para o *ĩ*.

O *ē* era pronunciado com um grau de abertura 7, os lábios não arredondados, com a altura da língua média e sua posição no pré-dorso, também chamada palatal. O *ě* só era diverso ao *ē* em relação ao grau de abertura, que é 8. Por isso, a vogal *e* mudava seu timbre dependendo da sua quantidade. Quando fosse breve *ě*, era pronunciado relativamente aberto e quando longo *ē*, pronunciava-se relativamente fechado. Exemplos: *fēmīna* [e] e *hěrbā* [ε].

Esta distinção da pronúncia por Pompeio (FARIA *apud* HEIL, 1957, p. 68) é explicada:

E aliter longa, aliter breuis sonat... Ergo quomodo exprimendae sunt istae litterae? Dicit ita Terentianus “Quotienscumque e longam uolumus proferri, uicina sit ad i litteram.” Ipse sonus sic debet sonare, quomodo sonat i littera. Quando uis dicere breuem e, simpliciter sonat.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> “(a letra i) tem um som médio entre e e i, quando está no meio da palavra, como em *hominem*. Entretanto, parece-me ser mais aguda ou mais cheia quando é longa, e quando é breve apresenta um som médio”.

<sup>15</sup> “O e soa diferentemente quando longo e quando breve... Então como devem ser pronunciadas estas letras? Assim fala Terêncio: “todas as vezes que quisermos pronunciar o e longo deve ser ele vizinho da letra i”. O próprio som deve soar como soa a letra i... Quando se quiser pronunciar o e breve, soa simplesmente.”

Afirmando que o *ē* é vizinho ao *ī*, devido a uma menor abertura dos lábios e o *ē* deve “soar simplesmente”, ou seja, que era a pronúncia natural.

Não existia diferença de timbre entre o *ā*, de *āquā*, e o *ā* de *prātu*, conforme afirma o poeta Lucílio: “*uno eodemque ut dicimus pacto / scribemus pācem, plācide, lānum, āridum, ācetum*”<sup>16</sup> (FARIA *apud* LUC. MARX, 1957, p. 67). Ambos eram pronunciados com o grau máximo de abertura da boca (10), com a posição da língua central e sua altura baixa e com os lábios não arredondados, distinguindo-se apenas na duração do tempo.

Assim como a vogal *e*, a vogal *o* era, perfeitamente, distinta quando longa e breve. Era uma vogal média, não arredondada, velar – com a articulação no pós-dorso – enquanto *ō* tinha um grau de abertura 8 e quando *ō* tinha um grau 7. Temos dessa forma: *amōre* [o] e *hōdīe* [ɔ].

A vogal *u* é semelhante à *i*, porque sua diferença de timbre é bastante sutil seja breve ou longa. Nas duas quantidades, a pronúncia acontece com os lábios arredondados e esticados para frente, eram vogais velares e altas; sendo que, quando longa, o *u* era mais grave com um grau de abertura 5 e quando breve tinha um grau 6 e por isso mais próximo do *ō*. Exemplos: *mūsculum* e *nūllus* [u] e *mūscā* e *būcca* [U].

A vogal *y*, usada somente nas palavras gregas como já foi dito, tem um som intermediário do *i* e do *u*, era pronunciado como em grego. Sua distinção ao *i* longo era que devia ser pronunciado com os lábios arredondados. Quando longa, seu grau de abertura era 5 e ao ser breve tinha um grau 6.

Antes da vogal *y* ser incorporada pela língua clássica, os antigos usavam o *u* no lugar do *y* como explica Cícero: “*Burrum semper Ennius numquam Pyrrhum... Non enim Graecam litteram*

---

<sup>16</sup> “e do mesmo modo como pronunciámos escrevemos: *pacem, placide, lanum, aridum, acetum*”.

*adhibebant, nunc autem etiam duas*"<sup>17</sup> (FARIA apud OR. 16, 1957, p. 72).

Com a descrição acima feita, temos o seguinte quadro:

VOCOIDES	Grau de abertura da boca	ANTERIORES		CENTRAIS	POSTERIORES
		N.A. <sup>18</sup>	A. <sup>19</sup>	N.A.	A.
ALTOS	5	[i]	[y]		[u]
	6	[I]	[Y]		[U]
MÉDIOS	7	[e]			[o]
	8	[ɛ]			[ɔ]
BAIXOS	9				
	10			[a]	

**Quadro 1: Classificação das vogais tônicas**

## 2.2. O sistema vocálico do latim vulgar

As vogais no latim vulgar, a princípio, tiveram a mesma distinção quantitativa do clássico, mas esta foi perdida completamente com o tempo. As vogais átonas perderam a quantidade primeiro que as tônicas, pois se tornaram mais ou menos longas as tônicas e abreviaram-se as breves, por causa do desenvolvimento da intensidade.

No livro *De Doctrina Christiana*, Santo Agostinho afirma que na África daquele tempo não se conseguia diferenciar a quantidade, assim as palavras homônimas, por exemplo, *ōs* (boca) e *ōs* (osso) eram facilmente confundidas, fazendo necessário que o segundo fosse pronunciado *ossūm* para uma efetiva distinção.

Como a descrição fonética que nos foi deixada pelos gramáticos latinos é tardia e não é válida para todo o seu período, é insu-

<sup>17</sup> "Ênio sempre escreveu *Burrūm*, nunca *Pyrrhūm*... Com efeito, não empregavam a letra grega, mas até agora duas usamos".

<sup>18</sup> Não arredondados.

<sup>19</sup> Arredondados.

ficiente conhecer como se dava de fato a diferença de timbre entre as vogais longas e breves. Fouché mantém que as breves e longas eram fechadas originalmente, ainda que as breves o fossem um pouco menos.

É imprescindível destacar o que Maurer (1959, p. 11) afirma:

Certo é que na língua antiga não devia ser muito sensível a diferença de timbre entre vogais longas e breves, e é provável que as vogais latinas em geral fossem ligeiramente abertas. Com o tempo, porém, as longas se foram tornando fechadas, enquanto que as breves se abriram ainda mais.

Na língua vulgar, as diferenças quantitativas foram ligadas às diferenças de timbre, por isso o vocalismo vulgar acentuou a distinção entre longas e breves em relação ao seu grau de abertura da boca. Isso não aconteceu de forma total, algumas regiões, como a Sardenha, mantiveram a pronúncia arcaizante. É necessário ressaltar que a abertura das breves e o fechamento das longas são anteriores à perda da quantidade, pois só assim se pode explicar o porquê do fechamento das breves em certos casos, como: *fōcus* > *focu* [o], causado pela influência da vogal final *u*.

Com o desaparecimento da quantidade e as diferenças de timbres citadas, na região que abrange a Ibero-România, Dalmácia, Ístria, Reto-România, Galo-România e centro e norte da Itália, acabou-se por coincidir, em posição tônica, de forma geral, o *ĩ* (aberto) com o *ē* (fechado) e o *ũ* (aberto) com o *ō* (fechado). Enquanto que não houve diferenciação de timbre na vogal *a* e as vogais abertas *e* e *o* permaneceram sem confusão com suas homorgânicas.

Ainda o *y* longo e o *y* breve foram confundidos ora por *i*, ora por *u* como consta no *Appendix Probi*: “*myrta non murta*”, “*tymum non tumum*”, “*gyrus non girus*” (SILVA NETO, 1957, p.221, 224). Assim, na língua vulgar surgiu um sistema vocálico em posição tônica com 7 vogais, em quase todas as regiões:

Latim clássico	Latim vulgar	Exemplos:
ā ā	[a]	<i>Pater, mater</i>
ē	[ɛ]	<i>Tērra &gt; terra</i>
ē	[e]	<i>Rēte &gt; rete</i>
ī	[e]	<i>Mittēre &gt; mettere</i>
ī	[i]	<i>Fīcum &gt; ficum</i>
ō	[ɔ]	<i>Pōrta &gt; porta</i>
ō	[o]	<i>Amōrem &gt; amorem</i>
ū	[o]	<i>Būcca &gt; bocca</i>
ū	[u]	<i>Pūrum &gt; purum</i>

**Quadro 2: A evolução da quantidade do latim clássico para a qualidade (timbre) do latim vulgar**

### 2.3. Os ditongos

O latim clássico possuía cinco ditongos: æ (*cæcus*) e au (*auris*) – mais comumente usados – œ (*amœnus*), menos frequente, e os raríssimos eu (*heu*), de origem grega, e ui (*fui*).

A monotongação do ditongo æ aconteceu primeiramente na zona rural e depois foi absorvida por completo, consoante Varrão: “*in rure Latio edus, qui in urbe, ut in multis a addito, aedus*”<sup>20</sup> (Silva *apud* Varrão. 1957, p. 153). Com sua redução, surgiu um e longo aberto inadequado ao sistema vocálico latino, pois como já foi dito as vogais longas eram fechadas. Em geral, conservou-se a qualidade aberta [ɛ], então se confundiu o æ com o ē como se observa em *cælu > celu* [ɛ]. Entretanto, em algumas palavras houve a sua evolução para um ē como em *sæpe > sepe* [e].

O ditongo œ já tinha sofrido a redução para ū no latim clássico, como *pœnire* (arcaico) > *punire*. Os poucos que perduraram também se monotonguizaram no latim vulgar para um ē: *pœna > pena* [e]. No latim tardio, confundia-se facilmente o œ, æ, ē, podemos encontrar as formas *cæcus* por “*cæcus*”, *fœmina* por “*fœmina*”.

<sup>20</sup> “No Lácio rural *edus*, o qual na cidade era *aedus*, foi absorvido por muitos”.

O ditongo *au* é o único que se mostra resistente, porém, apesar disso, encontramos também casos em que esse ditongo reduzir-se-á para *ō* [o] em variantes dialetais: “*A história do ditongo au mostra, de modo mui instrutivo, que as correntes dialetais que se manifestaram em Roma no princípio da nossa era não foram absorvidas pela língua geral*” (SILVA *apud* MEYER-LÜBKE, 1957, p. 155).

O ditongo *eu*, que por ser de origem grega estava em um número reduzido de vocábulos, pode ter evoluído também para o *ō* [o] como nos consta na *Appendix Probi*: “*ermeneumata non erminomata*” (SILVA NETO, 1957, p. 224). O ditongo *ui* existiu praticamente no latim clássico devido à poesia que o usava por causa das contrações ou sinéreses e manteve-se como ditongo na língua vulgar.

No latim vulgar, surgiu um novo ditongo, *ai*, formado pela síncope da consoante intervocálica, principalmente, no perfeito do indicativo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Assim, temos *amaui* que evolui para *amai*. Também encontramos esse ditongo em casos de transposição de sons: *ianuariu* que com a hipótese do *i* ficou *ianairu*.

#### 2.4. As divergências de acentuação entre o latim clássico e o vulgar

As vogais tônicas sofrem poucas modificações, pois, como o acento obriga uma maior pausa da voz, é mais comum sua persistência. Por isso, o latim vulgar manteve o acento da palavra do latim clássico, excetuando-se os seguintes casos:

- a) “*positio debilis*”: quando a vogal tônica era seguida do grupo consonantal *muta* (p, b, t, d, c, g) mais uma líquida (l, r), era considerada em uma posição fraca ou débil. Essa inovação do latim clássico foi suplantada pelo vulgar que recuperou a pronúncia arcaica. Passou-se a pronunciar: *colūbra* em vez de *colūbra*, *tenēbra* em vez de *tenēbra*.



- b) hiatos formados por *i*, *e*: em palavras proparoxítonas com os grupos vocálicos *īē*, *īō*, *ēō*, houve um deslocamento do acento, na língua vulgar, para a penúltima sílaba. Esse deslocamento vai contra as leis da acentuação latina, pois na penúltima sílaba há uma vogal breve, entretanto é entendido pela falta de sensibilidade da quantidade vocálica na língua vulgar. Assim, como explica Meyer-Lübke, pela regra fisiológica, prevalece a mais sonora entre as duas vogais contínuas. Tanto na linguagem poética como na popular, pronunciava-se, portanto, *mulière* por *mulīere* e *asciōla* por *ascīōla*.
- c) “*verba composita*”: nos verbos compostos, o latim clássico mantinha a acentuação na preposição, por exemplo, *contīnet* (cum + tenet) e *renēgat* (re + negat); porém no vulgar, quando essa composição era perceptível, o acento tônico permaneceu no segundo elemento da composição, uma vez que tinha a ideia principal do vocábulo. Assim, pronunciava-se *contīnet* e *renēgat*, entretanto nos verbos onde não se percebia a composição foi mantido a acentuação clássica, como em: *compūto* (cum + puto).
- d) as palavras estrangeiras: o latim vulgar geralmente conservava a tônica da língua de origem, desconsiderando a quantidade da penúltima sílaba. Tomando por base os vocábulos gregos, percebem-se duas vias diferentes para esse empréstimo ao latim:
1. Quando incorporada por via erudita, ou seja, sua utilização chegou ao povo através do latim literário, a acentuação foi baseada na quantidade da penúltima sílaba por isso a língua vulgar manteve-a, dessa forma temos Sócrates do grego Σωκράτης (com ã) e parábola do grego παραβολή.
  2. Quando incorporada por via popular, conservou-se a tônica grega, fato muito comum na linguagem eclesiástica. Entretanto, é necessário dizer que não se manteve, de forma alguma, o acento ao ser a palavra oxítona, como nos atesta Meyer-Lübke: “*dans les mots populaires l’accent grec a persisté, excepté quand il était sur la dernière syl-*

*labe*<sup>21</sup> (MAURER JR, 1959, p. 73). Uma palavra que conserva o acento grego é âncora, *ἄγκυρα* que foi incorporada ao clássico com o acento do grego.

Além desses casos mencionados que eram regulares, encontram-se vários isolados. Um deles é o acento na antepenúltima frequente nos números como *uíginti* e *tríngita*. Essa divergência é confirmada por Consêncio em sua lista de barbarismo: “*Nos exempla huius modi dabimus, quae in usu loquentium animadvertere possumus*”<sup>22</sup> (MAURER JR, 1959, p. 74).

### 3. Conclusões

Pretendeu-se neste trabalho proporcionar, de forma clara e sucinta, uma aproximação da distinção das vogais em posição tônica entre a língua culta, literária – o latim clássico– e a língua popular, o latim vulgar.

Como modo para a satisfação desse objetivo, foi feita uma descrição fonética das vogais na língua erudita, baseando-se nos gramáticos latinos, depois uma comparação com a variedade menos culta, definindo os traços distintivos que cada uma adotou com o tempo. Por fim, explicaram-se alguns dos principais motivos das diversas variações sofridas.

O resultado deste trabalho mostra como o latim variava em diferentes zonas, mesmo quando suas alterações eram mais improváveis, como o caso das vogais tônicas, que deveriam ser mais resistentes às modificações. A língua do povo era dinâmica e modificava-se constantemente, ao passo que o latim culto era estático.

---

<sup>21</sup> “Nas palavras populares, o acento grego persistiu, exceto quando ele estava sobre a última sílaba”.

<sup>22</sup> “Nós daremos exemplos daquele modo, que no uso cotidiano dos falantes podemos advertir”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COUTINHO, Ismael. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de português-latim*. Porto: Porto Editora, [s/d.].

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2006.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURER JR, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

SARAIVA, Francisco R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

SILVA NETO, Serafim da. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.